

O que está ocorrendo no Brasil?

Formatado: Espaçamento entre linhas: 1.5 linhas

Lula: uma unanimidade nacional

A eleição de 2002 e os primeiros anos do governo Lula propiciaram uma curiosa aliança de classes. Do ponto de vista das classes dominantes a situação internacional marcada pelo ciclo de crescimento (ainda que instável) da economia dos EUA, possibilitou uma peculiar convergência entre os setores financeiro e agro-exportador do grande capital. O aumento das exportações de produtos primários e os elevados lucros da agricultura de exportação puderam conviver com uma moeda artificialmente valorizada e um superávit primário acima dos 4,5% do PIB (Produto Interno Bruto). O Real sobrevalorizado, o superávit primário e os dólares da exportação possibilitaram, por sua vez, taxas de juro sempre entre as três mais elevadas do planeta. Com isto, o setor agrário-exportador, desde a colônia peça chave da política nacional, compôs a base de sustentação do governo Lula juntamente com o capital financeiro, o qual trouxe atrás de si parte ponderável do restante do empresariado.

Excluído: de crescimento

Do ponto de vista das classes oprimidas, o aumento do desemprego estrutural, as taxas de crescimento econômico insuficientes para empregar as novas gerações, articulados aos processos de reestruturação tecnológica e gerencial típicos da “reestruturação produtiva”, desde os anos de 1990 introduziram novidades na relação entre os proletários e demais trabalhadores urbanos. De um lado, cindiu as classes trabalhadoras entre o setor que continua assalariado nas grandes empresas e aquele outro que foi jogado no desemprego ou que consegue, de algum modo, sobreviver na informalidade. No Brasil, esse processo foi tão violento e de tal amplitude que mais da metade da força de trabalho nacional foi reduzida às situações de precariedade e fornece o contingente para um novo lumpemproletariado nos grandes centros urbanos.

Excluído: a

Na informalidade, as condições de luta contra o capital praticamente desapareceram, ao menos no curto prazo. Os que continuam empregados, frente à frequência das dispensas e à crescente ameaça representada pelos desempregados, não têm como resistir à precarização de sua situação de vida e trabalho. Acuados, se submetem a ritmos de produção cada vez mais intensos e passam a negociar planos de demissão “voluntária” e, até mesmo, critérios para promover o desemprego de seus camaradas de trabalho. A lógica que se apodera do movimento dos trabalhadores é aquela de negociar para “evitar o pior”. A negociação, nesse caso, não evita que se alcance a situação a que se chegaria um pouco mais rapidamente sem qualquer negociação: o capital impõe aos trabalhadores as melhores condições para a sua reprodução. Todavia, com a negociação, o patronato tem a seu favor o forte argumento de que tudo foi

Excluído:

Excluído: ,

Excluído: conta com

acertado com os sindicatos, evitando o desgaste do confronto. Essa situação é ainda mais favorável aos patrões porque, acuados pela insegurança, os operários e demais assalariados terminam tomados por um conservadorismo bastante radical: qualquer mudança pode provocar as marolas que levarão à sua demissão e, por isso, lutam e torcem para que nada mude e tudo permaneça como está. Desse modo, os operários e os demais assalariados terminam, entre outras coisas, fácil massa de manobra de uma burocracia sindical que, como toda burocracia, não deseja outra coisa senão manter e ampliar seus privilégios.

No campo, a situação não é idêntica, mas os resultados não são muito diferentes. A expansão do agronegócio, a valorização das terras e das propriedades, ao mesmo tempo em que ampliou a atração da mão-de-obra para algumas regiões, possibilitou uma maior concentração da terra nas fronteiras agrícolas. Isto, por si só, já seria uma situação bastante complicada para o MST¹ e outros movimentos que lutam pela reforma agrária, pois sua base social sofre o impacto da maior riqueza circulando pela agricultura de modo imediato. Estas consequências negativas para os movimentos dos sem-terra foram agravadas pela aliança do governo Lula com o *agrobusiness*. A estratégia de sobrevivência que terminou predominando no MST foi a de se aproximar do governo em troca de bolsas de alimentação que possibilitassem a manutenção, ainda que nas piores condições imagináveis, dos acampamentos e dos assentamentos. Por um viés diferente, os movimentos sociais no campo terminaram em uma situação política bastante próxima a dos trabalhadores urbanos: ruim com Lula, pior sem ele. É por esta vertente que o MST e boa parte do movimento rural terminaram participando da base de sustentação do primeiro governo Lula.

Assistimos, deste modo, a uma situação aparentemente paradoxal: à aliança entre os banqueiros, os agro-exportadores e a maior parte do empresariado, soma-se como base de apoio do governo o que há de mais organizado do movimento dos trabalhadores e operários no campo e na cidade. Lula tornou-se, desse modo, uma unanimidade nacional; seus opositores têm, no curto prazo, pouca expressão política.

Sob esta unanimidade, todavia, há uma realidade bastante desfavorável aos trabalhadores.

Programas sociais e neoliberalismo

¹ Movimento dos Trabalhadores sem Terra, é o principal movimento camponês de luta pela reforma agrária no Brasil.

Excluído: imediato

Estatísticas recentes indicam uma pequena melhoria da renda das camadas mais pobres da população, uma queda acentuada dos salários da classe média (Folha de São Paulo², 10 de dezembro de 2006) e uma significativa elevação da lucratividade das grandes empresas. O patamar de desemprego, com pequenas variações, manteve sua trajetória ascendente dos anos de 1990 e o deslocamento dos trabalhadores para a informalidade e o desemprego não pôde ser disfarçado nem mesmo com a mudança de critérios estatísticos. A distribuição de renda manteve-se praticamente sem alterações e os lucros dos grandes bancos e conglomerados econômicos aumentaram de modo expressivo. Como é possível, ainda mais em um país como o Brasil, que convivam lado a lado a melhoria, mesmo que muito pequena, do poder aquisitivo dos mais miseráveis com o aumento da lucratividade do capital e com crescentes taxas de desemprego e informalidade?

No mais puro estilo preconizado pelo Banco Mundial, Lula lançou um amplo programa de esmolas à população mais carente. Intitulado de Bolsa Família, este programa foi sendo priorizado e terminou absorvendo até mesmo recursos destinados à Saúde Pública. Hoje, ele é o carro-chefe da propaganda de Lula. Por meio de vários benefícios, possibilita que famílias sem renda ou de renda abaixo de um salário mínimo (aproximadamente US\$ 160 mensais) recebam até US\$ 100 mensais para deixar o filho na escola, comprar gás de cozinha, complementação de renda, etc. É um programa que atinge hoje, segundo as estatísticas oficiais, ao redor de 11,18 milhões de famílias ou algo entre 50-40 milhões de pessoas, concentradas principalmente no Norte e Nordeste (FSP, 10 de dezembro de 2006), as regiões mais pobres do país.

Como essa é uma transferência de recursos do Estado diretamente para as famílias e sem qualquer vinculação a projetos de desenvolvimento locais e regionais, além do seu efeito imediato no aumento do consumo de bens de primeira necessidade, não possibilita a esta população se libertar de sua carência secular. Possibilita, apenas, que nos lugares mais atrasados do país, as famílias beneficiadas compareçam na quitanda da vila para comprar alguns poucos gêneros de primeira necessidade. Quem na verdade termina se favorecendo com essa transferência de renda são os pequenos negociantes e empresários locais, quase sempre os ocupantes dos cargos municipais, como as Prefeituras ou as Câmaras de Vereadores. Como, por sua vez, tais chefetes locais são tradicionais aliados das oligarquias, o Bolsa Família termina reforçando as estruturas de poder responsáveis pelo atraso secular das regiões mais pobres do Brasil. Uma segunda consequência não menos importante é que o Bolsa Família tem auxiliado na desestruturação das estratégias de subsistência dos mais miseráveis, estratégias que incluíam

Excluído: esse programa

² A Folha de São Paulo é o principal jornal diário de circulação nacional. Daqui por diante citado como FSP.

desde pequenas plantações até redes de solidariedade que organizavam, nas situações mais extremas, os tradicionais saques de alimentos no nordeste. A esmola estatal leva ao abandono da produção de subsistência bem como das formas espontâneas e tradicionais de organização dos miseráveis. A tradicional e histórica resistência do camponês é aos poucos substituída por uma nova relação, tipicamente paternalista, com o Estado, agora representado pelos benefícios mensais. É notória a diminuição dos saques e das revoltas dos miseráveis no nordeste brasileiro. Uma estranha "calma social" – uma quase letargia – toma conta do sertão. Nas cidades, ainda que o Bolsa Família auxilie na subsistência de um novo lumpemproletariado, seu impacto é menor dada à própria dinâmica da vida urbana. O Bolsa Família não apenas mantém os miseráveis dependentes das verbas públicas, como ainda financia a manutenção das estruturas sociais mais iníquas e arcaicas das regiões mais atrasadas do país.

Excluído: possibilitavam

Excluído: até mesmo

Excluído: social

Excluído: Em suma, o

Este o primeiro elemento para se entender o aparente paradoxo do Brasil de Lula: o aumento do poder aquisitivo dos mais pobres não foi o resultado de qualquer alteração na estrutura produtiva do país mas, apenas, da canalização de recursos estatais ao programa Bolsa Família.

Ao lado do Bolsa Família, a estratégia do governo Lula tem sido a de aprofundar as raízes coloniais do Brasil pela continuidade das reformas neoliberais. Além da Reforma Previdenciária que transferirá para os banqueiros cerca de 6 bilhões de dólares nos próximos dez anos, o governo do PT aprofundou os itens da agenda neoliberal que o governo de Fernando Henrique Cardoso não conseguiu implementar (em parte devido à oposição do PT no Congresso Nacional), fez a maior reforma cambial e financeira "de todos os tempos (...) liberando a movimentação de capitais de forma temerária ao país"(Carneiro,2006), cedeu aos credores internacionais um poder que nunca tiveram para decidir sobre a eventual renegociação dos títulos da dívida pública, realizou leilões de jazidas de petróleo quebrando o preceito constitucional do monopólio estatal da sua exploração, aprovou a Lei de Falências que, entre outras coisas, retira a prioridade dos débitos trabalhistas na liquidação das empresas, ampliou a carga tributária sobre o consumo (quase 60% dos impostos vêm da taxa do consumo, o que penaliza os brasileiros de renda mais baixa), investiu como nunca verbas públicas em escolas superiores privadas (2005 foi o primeiro ano da história em que a verba do governo federal para as universidades privadas ultrapassou o montante para as universidades públicas), etc.

Os resultados gerais foram, como não poderia ser diferente, muito ruins para o país. No setor educacional, o atraso e a inadequação dos investimentos para com as necessidades do país resultaram na manutenção de uma taxa de repetência de 20,6% (Venezuela, 7,3%, Paraguai 7,3%, Argentina 6,4% e Haiti – em guerra civil e ocupado por tropas do Brasil – 15,4%). A destruição do ensino público médio (para jovens entre 7 e 17 anos) não foi revertida sequer

parcialmente, e o resultado é que 42,5% das matrículas nas universidades públicas são de alunos provenientes das escolas privadas do nível médio e apenas 17,3% da população de idade entre 18 e 24 anos está matriculada no ensino superior. O desemprego permaneceu em alta durante todo o governo, com uma pequena queda em 2005, mesmo assim retornando a uma taxa equivalente a de 1998; o salário médio recebido pelos trabalhadores durante a maior parte do governo foi inferior ao dos anos de Fernando Henrique Cardoso. A queda do salário médio dos assalariados contribui para um fenômeno curioso: como o ganho de poder aquisitivo dos mais pobres se deu via Bolsa Família e pela valorização do salário mínimo que indexa os benefícios pagos pela previdência social³, hoje, entre os considerados estatisticamente "pobres", 52% são trabalhadores e não, como seria de se esperar, desempregados, aposentados ou inativos. Também por essa razão, o auxílio doença pago pela previdência social é hoje, em mais da metade dos casos, até 30% maior que o salário recebido pelo trabalhador. (FSP, 18 de dezembro de 2006).

Excluído: aos

Por fim, a elevação do poder aquisitivo da população que recebe o Bolsa Família também pode conviver com o aumento da lucratividade do grande capital também pela violenta perda de poder aquisitivo e de postos de trabalho da classe média. Desde 2000 (portanto, desde o governo de FHC), a renda da classe média caiu em 46% e 1,9 milhão de seus postos de trabalho foram fechados.

Para o grande capital, em compensação, os últimos anos foram quase o paraíso. A remessa de lucros e dividendos ao exterior "das empresas multinacionais e investidores estrangeiros (...) triplicaram no governo Lula", passando de U\$ 5,1 bilhões em 2002 para prováveis U\$ 16,3 bilhões em 2006, um aumento de 29% se comparado com o ano anterior. (FSP, 25 de dezembro de 2006 e 26 de janeiro de 2007). Para os banqueiros, as coisas não foram diferentes. O superávit primário foi ampliado de 3,89% para 4,84% do PIB entre 2002 e 2005 -- e passou no Congresso uma lei que mantém este patamar de superávits até 2010, garantindo o pagamento dos juros e das dívidas interna e externa. Ao lado disso, a manutenção de juros sempre entre os mais altos do planeta, possibilitou uma grande transferência de renda para o capital especulativo. "Enquanto no período de 1996 a 2002 a média de lucro dos bancos foi de R\$ 6,3 bilhões por ano, no governo Lula a média anual dos lucros quadruplicou para R\$ 25,7 bilhões." "Apenas para ilustrar, nos quatro anos de governo, Lula destinará para os juros e amortizações das dívidas externa e interna nada menos que R\$ 717 bilhões, enquanto gastará R\$ 63 bilhões em educação, R\$ 137 bilhões com saúde e R\$ 12 bilhões com reforma agrária." (Carneiro, 2006:15) O Banco Central do país está trocando dívidas externas de curto prazo com

Excluído:

³ R\$ 80 bilhões anuais são distribuídos em benefícios previdenciários através de 30 milhões de contracheques - FSP, 10 de dezembro de 2006.

Excluído: /

Excluído: /

juros de 4% por dívidas de médio e longo prazo com juros de até 12,7% *mesmo tendo as maiores reservas cambiais da história do país*. O governo resgatou por 100% do valor de face títulos de baixa liquidez que poderiam ser adquirido com deságio considerável se se tratasse de preservar os interesses públicos.

O capital estrangeiro aproveita, nestes dias em que é escrito este artigo, para "realizar" seus lucros e retirou apenas nos últimos meses 13 bilhões de dólares em investimentos no país, fazendo com que o governo Lula tenha assistido à uma retirada de investimentos do país que é o dobro do primeiro governo Fernando Henrique Cardoso (18,8 contra 8,95 bilhões de dólares - FSP 4 de dezembro de 2006). A miséria brasileira – plagiando a Marx que mencionava a "miséria alemã" – possibilita que, hoje, a [lucratividade média das empresas com ações nas Bolsas de Valores \(o que exclui as médias e pequenas empresas\)](#) seja maior que nos EUA.

As negociatas continuaram a todo vapor: o lucro da Companhia do Vale do Rio Doce obtido apenas em um ano, o de 2005, foi superior ao preço pelo qual foi privatizada em 1997 (R\$ 10,4 contra R\$ 10 bilhões) graças às isenções fiscais e ao baixo preço do carvão vegetal, em parte significativa obtido através de trabalho escravo. As últimas estatísticas do primeiro governo Lula demonstram que a perversidade da estrutura econômica nacional permaneceu intacta: os 10% mais ricos concentravam quase 47%, e os 10% mais pobres, 0,7%, da renda nacional (Carneiro, 2006:14), a oitava prior distribuição de renda do planeta. Contamos com 50 milhões de [desnutridos](#) em um país que está entre os grandes exportadores de alimentos do mundo.

Excluído: , hoje,

Por trás dessa unanimidade ao redor de Lula, temos um agravamento das tensões sociais a um patamar antes desconhecido, mesmo em países como o Brasil. Nos momentos mais tensos, a guerra civil que se desenrola sub-repticiamente no país (em 2004 foram mortas mais pessoas com arma de fogo na cidade do Rio de Janeiro do que soldados americanos em 1967 no Vietnã) ganhou [a manchete dos jornais](#). Quadrilhas de traficantes enfrentaram a polícia na cidade de São Paulo com uma estratégia tipicamente guerrilheira (ataques surpresas, com clara superioridade de poder fogo e com rotas de fuga previamente preparadas).

Excluído: uma forma explícita

"Três ondas de ataques noturnos à mão armada. Coquetéis molotov e bombas artesanais lançados contra delegacias de polícia e edifícios públicos, agências bancárias, supermercados. Mais de cem ônibus urbanos incendiados... Os 1004 ataques realizados em São Paulo pela organização criminosa denominada Primeiro Comando da Capital (PCC) em maio, julho e agosto deste ano foram de tamanha amplitude que, em alguns dias, paralisaram a cidade, centro econômico e financeiro do Brasil, uma das megalópoles mais povoadas do mundo com seus vinte milhões de habitantes. O comércio fechou, o trânsito parou, cinemas, teatros, restaurantes e bares cerraram suas portas.

Em julho, dois milhões de pessoas ficaram sem transporte público de um dia para outro. As pessoas se trancaram em casa, aterrorizadas.⁴

O Brasil está entre os países do mundo que mais matam jovens por arma de fogo.

Foi neste quadro de degradação das condições de vida e trabalho e de elevados lucros para o capital que Lula se converteu em uma quase unanimidade nacional. Não, como vimos, pelas suas realizações, mas por uma conjuntura na qual ele pôde neutralizar as lutas operárias e dos trabalhadores e, também por isso, pôde levar adiante a estratégia neoliberal de seu antecessor, atraindo o apoio do grande capital. Daí a opinião muito favorável de próceres do conservadorismo brasileiro acerca do governo PT. Para Sergio Malbergier, editor de um dos jornais econômicos mais influentes do país,

"(...) Lula no poder passou à população de baixa renda a (falsa) impressão de que a democracia nesse país funciona. Afinal, um operário de pouca instrução comanda hoje o Brasil e, na mão de um bom marqueteiro, pode-se dizer que o faz em nome dos pobres.

A sombra da 'esquerda' saiu dos cálculos econométricos, barateando o crédito: é difícil agora vislumbrar uma força política anticapitalista chegando ao poder, ameaçando propriedades e contratos."(FSP, 31 de dezembro de 2006)

Nos mesmo diapasão se manifesta Cláudio Lembo, ex-governador de São Paulo e um dos mais ilustrados conservadores brasileiros: "Estou convicto hoje que sem o Lula nós teríamos conflitos sociais muito mais violentos." (FSP 31 de dezembro de 2006)

Esse é o quadro mais geral que contribui para o aparente paradoxo que é o Brasil nesse início de século: um governo neoliberal capitaneado por um ex-operário que conta, em um país com carências coloniais, com apoio não apenas dos capitalistas mas, também, dos trabalhadores organizados.

Todavia, por que a esquerda não foi capaz de se contrapor a esse quadro tão desfavorável aos trabalhadores?

As novas forças da esquerda e a fundação do PT

Se o quadro mais geral de degradação do país serviu de pano de fundo para uma convergência (necessariamente momentânea) das mais diferentes classes e setores sociais ao redor do governo Lula, ele não explica totalmente o modo pelo qual as forças de esquerda têm

Excluído: Hoje o

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm, Espaçamento entre linhas: 1.5 linhas

⁴ João de Barros, in *Le Monde Diplomatique*, edição em português de dezembro de 2006.

se comportado. Para esse aspecto do problema é imprescindível que reportemos aos anos de 1970, quando do apogeu e o início da crise da ditadura militar brasileira.

Após a derrota dos movimentos armados na passagem da década de 1960 para a de 1970, o Brasil assistiu ao desenvolvimento de uma esquerda muito diferente da esquerda tradicional nas suas origens, nas suas bases sociais e na experiência política. Nasceu dos movimentos populares nas periferias dos grandes centros urbanos (São Paulo bem mais à frente que o restante do país) e deu seus primeiros passos na luta democrática contra a ditadura militar. O seu crescimento foi impressionante. Entre 1974 e 1980 conseguiu organizar movimentos reivindicativos em praticamente todos os bairros operários de São Paulo. Isto não é exagero ou figura de linguagem: em 1979 fui encarregado pela organização clandestina na qual militava de encontrar um bairro que não estivesse ocupado por uma liderança de esquerda para o deslocamento de um quadro que deixava o movimento estudantil. Na Zona Leste de São Paulo, uma das maiores concentrações de moradia operária da metrópole, em uma área compreendida entre Itaquera e São Mateus (24 km em linha reta) não havia um só bairro sem um militante de esquerda ou da "extrema esquerda" da Teologia da Libertação. E a Zona Leste era reconhecidamente mais atrasada na sua organização que a Zona Sul de São Paulo.

Antes das greves do ABC, o principal movimento de massas contra a ditadura foi o resultado desse processo de organização nos bairros e da ampla frente de esquerda que envolveu deste os setores mais progressistas da Igreja católica até partidos clandestinos como o MEP, AP-ML, o PC do B⁵, algumas organizações trotskistas e anarquistas, etc. Um abaixo-assinado contra a carestia conseguiu um milhão de assinaturas e culminou com uma concentração popular de mais de 5 mil pessoas na Catedral da Sé, no coração de São Paulo. Tudo sob dura repressão e com a população tendo que passar por cordões da cavalaria da tropa de choque para chegar até a manifestação. O grande ausente era o PCB, de linha soviética, devido à sua opção estratégica de negociação com o regime militar.

Esta nova, inexperiente e em larga medida ingênua esquerda, que tinha no movimento popular sua principal base e sua única experiência de luta de massas, era democrática por sua própria gênese. E as condições de luta pareciam dar razão às suas concepções basistas e graduais: a luta seria decidida pela organização da população nos locais de moradia e as conquistas seriam asseguradas pelo avanço gradual e seguro da consciência popular. O objetivo

⁵ O MEP (Movimento de Emancipação do Proletariado) foi uma organização próxima aos trotskistas e que teve vida curta nos anos de 1970; a AP-ML (Ação Popular – Marxista-Lenista) foi um racha da AP católica e que se auto-dissolveu no final de década de 1970. O PC do B (Partido Comunista do Brasil), surgiu do racha do PCB no início da década de 1960 no contexto da ruptura sino-soviético.

era a democratização do país – ainda que por "democratização" entendessem as coisas mais distintas.

O ano de 1978 foi o apogeu e o início do declínio deste ciclo das lutas populares. Internacionalmente, a vitória dos Sandinistas na Nicarágua parecia confirmar a concepção estratégica que predominava no movimento popular: a organização da periferia, por uma ampla frente democrático-nacional que incluísse a esquerda católica, seria a base para a derrubada do governo central. Se a Nicarágua tinha Cardenal, tínhamos D. Pedro Casaldáglia e D. Paulo Evaristo Arns.

No país, 1978 assistiu às primeiras greves no ABC, as quais conferiram um novo alento e uma nova perspectiva à organização dos bairros populares. Aos que neles militavam naquele período, foi impressionante a facilidade com que arrecadamos alimentos e algum dinheiro para o fundo de greve e ainda mais emocionante perceber como o trabalho de “conscientização” parecia estar dando os resultados pretendidos: inúmeras foram as manifestações de simpatia para com a greve e de solidariedade de classe. Em 1980, quando da comemoração do primeiro de maio, o ABC em greve atraiu para São Bernardo do Campo (o principal pólo industrial da grande São Paulo, então sede das principais automontadoras) mais de 100 mil pessoas, parte ponderável delas vindas dos movimentos populares da Zonas Sul e Leste em ônibus fretados e carros, o que forçou um recuo do Exército e da polícia para evitar um confronto mais sangrento do que suportaria a ditadura na defensiva. Foi um dos momentos mais expressivos do que de novo havia na política brasileira: a aliança dos movimentos nos bairros com o movimento operário do ABC. E o PCB, que já estava ausente dos movimentos populares, ao se colocar contra a greve no ABC perdeu a possibilidade de estender sua influência ao novo movimento operário. Viu-se forçado, por isso, a uma aliança suicida com os sindicalistas “pelegos”, como eram chamados os burocratas sindicais servís aos militares.

O refluxo das greves no ABC no início dos anos de 1980 foi contemporâneo à grande derrota histórica do movimento popular: a eleição de 1982. Com a crise do regime militar, o Estado e os políticos substituíram a repressão pela negociação no trato com os movimentos reivindicatórios. Mesmo políticos mais conservadores, como Paulo Maluf em São Paulo, adotaram a inteligente estratégia de atender parcialmente as reivindicações buscando dividir os movimentos na disputa pelas migalhas. Foi assim, por exemplo, no bairro em que eu militava. Quando a Prefeitura concordou em asfaltar quatro das ruas e encarregou os moradores de escolherem quais seriam, em poucas semanas os líderes estavam disputando entre si pelo privilégio de ter sua casa valorizada com o asfalto e, logo depois, compromissos eleitorais com os políticos mais conservadores eram feitos em troca de um pouco mais de asfalto ou uma ou mais sala de aula para o bairro. Em 1982, venceram as eleições na Zona Leste, Paulo Maluf

Excluído: que

(que representava a ditadura militar) e Franco Montoro (representante da oposição mais moderada à ditadura). O PT e Lula receberam uma votação que correspondia à perda da liderança política da ampla frente de esquerda que articulava o movimento popular. Nunca mais o movimento popular e o movimento operário entraram em cena com a força e riqueza daqueles poucos anos entre 1974 e 1982.

Neste contexto de refluxo é que foi criado o PT, em 1980. Ele surge como expressão do leque de forças portadoras da experiência do movimento popular (a exceção é o PC do B, mas que logo passa a fazer frente com o PT e vai com o tempo se convertendo em sua linha auxiliar), somados às lideranças operárias e à experiência grevista recente. O poder de atração política dessas forças foi responsável pela vinda ao PT de inúmeros intelectuais, alguns deles exilados, que tinham em comum uma dura crítica ao velho PCB mais do que uma fundamentada crítica ao stalinismo. Era mais uma crítica à política de conciliação dos comunistas de linha soviética que uma crítica radical e consistente das experiências históricas dos países "socialistas". Ainda que em generalizações deste tipo as injustiças sejam inevitáveis, a maior parte destes intelectuais era social-democrata, na acepção tradicional da expressão: centravam sua estratégia na luta por melhores condições de vida e salário para os trabalhadores o que, no Brasil, ainda hoje significa uma luta por uma política de distribuição de renda. Demonstrou-se ser secundário se estas lutas econômicas eram compreendidas como etapas para se transitar ao socialismo ou se eram a finalidade em si próprias, pois o futuro faria das reformas o único horizonte político da esquerda.

É isto que fez do PT, o melhor partido reformista que os reformistas jamais poderiam sonhar: nasceu de uma luta operária que se afirma não apenas contra os patrões, mas ainda contra o principal partido comunista tradicional, o PCB, e contra o "modelo" soviético; uma agremiação ambígua o suficiente para se dizer socialista sem nunca haver se pronunciado contra a propriedade privada; ambígua o suficiente para ser a possibilidade de um partido de massas que evoluiria para um partido revolucionário e, ao mesmo tempo, a possibilidade de um partido de massas que perderia os traços "radicais" de sua origem ao "amadurecer" na luta eleitoral. Enfim, um partido que expressava o que era a "nova" esquerda -- sem deixar de ser, ao mesmo tempo, a expressão do futuro conservadorismo que iria aos poucos se apoderar dos "corações e mentes" da classe operária e dos demais assalariados sob o impacto da "reestruturação produtiva". Um PT que nasceu ambigualmente socialista e em pouco mais de uma década -- sem rupturas -- envolveu para um partido partícipe do Partido da Ordem (na acepção que Marx confere a esta expressão em *O 18 Brumário*).

Excluído: m

Excluído: s

Excluído: por um lado,

A esquerda sob o primeiro governo Lula (2002-2006)

Em 1989, em uma campanha surpreendente até para os petistas mais otimistas, Lula perdeu a eleição presidencial por um fio de cabelo para Fernando Collor que, logo depois, sofreria um processo por *impeachment* sob acusações de corrupção.

Com a quase vitória (e, portanto, acachapante derrota, pois não há quase vitória que não tenha o impacto de uma gigantesca derrota) de 1989, o núcleo dirigente do PT (que sempre teve em Lula sua principal expressão e maior articulador) convenceu-se que só se poderia chegar ao poder pela sua incorporação ao "Partido da Ordem". O PT viveu, então, uma inflexão à direita com reflexos em sua vida interna e na sua relação com o grande capital.

Excluído: do partido

Internamente, a esquerda que já se distinguia claramente do centro e da direita, foi forçada a recuos cada vez mais comprometedores de sua integridade política e ideológica. Sob o eterno argumento de que não se poderia sair do PT porque lá estariam as bases operárias e porque seria, ele, a única possibilidade de uma política de massas, a esquerda vai de recuo em recuo perdendo terreno e sendo marginalizada no interior da organização partidária. O centro e a direita do PT têm, então, a chave de como enquadrar a esquerda: organiza os congressos partidários de modo cada vez mais burocrático e centraliza o partido. A cada embate impõe à esquerda a alternativa de dar um passo à direita ou abandonar o Partido. E, de passo em passo, a *esquerda* do PT, ao chegar perto do ano 2000, estará muito mais à direita de onde estava a *direita* do PT em 1989. E, o partido como um todo, vai estar muito mais à direita do que estava quando da quase vitória de 1989. Uma parte da esquerda, finalmente, decide abandonar o PT e será, em seguida, a espinha dorsal do PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado), a principal agremiação trotsquista do país.

Em um contexto político mais geral no qual a derrocada da URSS e a vitória do neoliberalismo pareciam dar toda razão às teses que “não há alternativa” senão render-se aos ditames do capital, por piores e mais desumanos, a CUT foi a principal formuladora das estratégias de negociação com o patronato que faziam crescente sentido aos trabalhadores ainda não desempregados, principalmente nas automontadoras do ABC paulista. Enquanto o sindicalismo cutista abandonava seu veio “ideológico” e se torna crescentemente pragmático, o PT, de “socialista”, convertia-se cada vez mais claramente em uma “esquerda de resultados”. O que importaria seriam os resultados eleitorais (para alcançá-los, qualquer escrúpulo é tomado como obstáculo a ser superado e a degradação moral de seus quadros, que já não era uma novidade, ganha em dinâmica e intensidade) e os resultados administrativos (e, para tanto, seria entre outras coisas imprescindível encontrar um *modus vivendi* com a corrupção que grassa no Estado brasileiro). Como “não há alternativa” ao capital, apenas poder-se-ia chegar ao poder

pela força do próprio capital e o caráter originário do PT teria, por isso, que ser deixado na estrada. Como diria depois um dos órgãos do partido, aos ossos dos seus antepassados seria dedicado apenas o respeito, mas nada mais.

A campanha de 2002 é a etapa final da degeneração política e ideológica do PT. E esta etapa é conduzida com tal sucesso e radicalidade que no segundo turno⁶ Lula se converteu no candidato do grande capital. Se está correto o dito marxiano segundo o qual, para se descobrir quem o capital apóia, basta ver em quem ele investiu, Lula recebeu do grande capital significativamente mais do que o candidato do PSDB, José Serra, seu principal concorrente. Na disputa pela preferência do grande capital, o PT saiu-se melhor por poder oferecer o que o PSDB não mais poderia fazer depois do desgaste de 8 anos no governo: o aprofundamento das privatizações, a reforma da previdência, as reformas no sistema monetário e fiscal e assim por diante. Esses compromissos são assumidos publicamente por seus dirigentes mais importantes e em documentos oficiais. Um deles, a Carta aos Brasileiros, de junho de 2002, tornou-se símbolo do credo neoliberal petista.

Apesar dessa involução e apesar do PT e seus dirigentes negarem de modo seguido e cotidiano suas intenções "esquerdistas", a vitória do Lula gerou entre a esquerda e entre a população uma enorme ilusão de que algo de fundamental iria mudar no país. Praticamente todos os intelectuais de esquerda, e todas as forças de esquerda, terminaram apoiando Lula no segundo turno -- até mesmo o PSTU que lançara candidato próprio no primeiro turno e que, com acerto, apontara o caráter neoliberal do PT. Havia uma generalizada crença de que o passado operário de Lula e a história de lutas na origem do PT teriam algum reflexo na política do governo, apesar do discurso neoliberal que havia adotado. Entre os populares, a ilusão converteu-se em festa quando da posse do novo governo. Se causou um enorme impacto no país a multidão que se deslocou a Brasília para saudar o novo que Lula encarnaria, não é de se imaginar a impressão que possa ter causado no exterior. Foi, de fato, uma enorme festa popular e o país estava mais alegre naqueles dias.

Eram apenas ilusões, *wishful thinking*.

Nos primeiros meses, o governo petista não apenas aprofundou a política econômica neoliberal e entregou o Banco Central a um político do PSDB⁷ e ex-funcionário do Banco de

⁶ As eleições majoritárias no Brasil possuem um segundo turno com os dois candidatos mais votados quando nenhum deles alcança 50%+1 dos "votos válidos", isto é, excluídos os votos brancos e nulos. Pela legislação brasileira, os votos nulos são considerados "inválidos", o que por si só demonstra alguns dos limites formais da democracia brasileira.

⁷ Partido da Social-Democracia Brasileira, do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

Boston, como ainda enfrentou com uma dureza apenas conhecida na época da ditadura militar a greve dos trabalhadores estatais à reforma da previdência⁸.

O impacto na esquerda – tomado este conceito em uma acepção das mais amplas -- foi enorme. Uma parcela, minoritária, se afastou do governo Lula. Uma outra parte, bem mais significativa, principalmente entre os sindicalistas cutistas e militantes do PT, aderiu incondicionalmente ao governo também em troca das benesses de cargos públicos, de diretorias das empresas públicas ou, ainda, dos fundos de pensão das grandes empresas privatizadas ou semi-privatizadas, como é o caso do Banco do Brasil e da Petrobrás. Essa cooptação de quadros e dirigentes sindicais ao aparelho de Estado levou o sociólogo Francisco de Oliveira a argumentar o surgimento de uma nova classe social, uma tese da qual não compartilhamos mas que bem mostra a extensão e o peso social deste fenômeno.

Uma terceira parte, majoritária, decidiu manter o que denomina de apoio crítico ao governo, principalmente por entenderem ser este um governo "em disputa", como se seu caráter neoliberal deixasse espaço para a esquerda disputar o governo "por dentro". A maior parte dos militantes vinculados à Igreja católica e do movimento camponês adota esta postura, bem como o PC do B.

A greve dos funcionários públicos contra a reforma da previdência no segundo semestre de 2002 marcou a metamorfose final da esquerda petista em uma ala do Partido da Ordem. Pressionada a tomar uma posição inequívoca, TODA a esquerda petista decidiu votar com o governo para não perder seu lugar no partido, com exceção de três parlamentares que votaram contra e oito que, vergonhosamente, fazem um acordo com a direção do PT para não serem expulsos e se absterem na votação. Triste história desta esquerda: desde os anos de 1980 vem cedendo à direita com o argumento que não estaria na hora de rachar com a direção porque não teria ainda a base do partido. Em 1980, ela tinha ao redor de 40% dos militantes. Em 2002, quando do embate que poderia ter sido decisivo com o neoliberalismo ao redor da reforma da previdência, está reduzida a três parlamentares que votam contra e oito que se absterem! Permanecer no PT para disputar a base do partido revelou-se uma estratégia suicida: liquidou a esquerda petista enquanto força no interior do PT e, ideologicamente, como força socialista no cenário nacional.

Ao terminar a reforma da previdência, a vitória do governo Lula contra as únicas forças que ainda poderiam se opor a ele é quase completa e se inicia a segunda fase do governo, com amplo domínio sobre o Congresso Nacional. É então que estouraram os principais escândalos

Excluído: amplamente

Excluído: de dirigentes

Excluído: que

Excluído: é

Excluído: tinha

⁸ Foi nesta greve que talvez tenha ocorrido o momento mais baixo da degradação ideológica dos operários no ABC sob o impacto da reestruturação produtiva, quando uma manifestação de funcionários públicos foi reprimida com violência por operários organizados pela CUT.

de corrupção. Como sempre no caso brasileiro, os partidos políticos representam, além de setores e amálgamas momentâneos dos grandes grupos capitalistas, também distintos agrupamentos burocráticos que necessitam, para sua reprodução, dos fundos a serem obtidos pela corrupção que a posse do poder de Estado facilita. Por isso, as dinâmicas parlamentares no Brasil incorporam quase sempre, além dos interesses econômicos mais expressivos, esse elemento de disputa ao redor da pilhagem do Estado. Foi dessa disputa, por exemplo, que resultou o *impeachment* do governo Collor em 1992.

Para além da corrupção corriqueira, o PT tentou inovar no financiamento de sua estrutura partidária e de suas campanhas eleitorais. Ao lado das tradicionais propinas, montou um esquema no qual uma empresa de propaganda, pertencente a Marcos Valério, fez e faria campanhas virtuais para grandes empresas estatais como os Correios, Hidroelétrica de Furnas, etc. O dinheiro destinado a essas campanhas fictícias liquidaria financiamentos do PT junto ao Banco Rural, um banco menor e secundário na estrutura financeira nacional. Em troca da promessa do que poderia render esse esquema, o Banco Rural adiantou milhões de Reais ao PT, uma boa parte para pagar as dívidas de campanha de Lula em 2002. Esse esquema ficou conhecido como "valérioduto".

Corrupção não era, é verdade, exatamente uma novidade em se tratando do petismo. Em parte a corrupção envolvendo o PT e seus dirigentes já era de conhecimento da mídia muito antes de 2002. Estranhos assassinados de prefeitos petistas indicavam que a corrupção nas prefeituras alcançava os escalões mais elevados da esfera partidária, como José Dirceu, Luiz Gushiken e Luis Eduardo Greenhalgh. Durante a campanha de 2002, várias denúncias envolvendo a origem do financiamento da campanha de Lula foram tornadas públicas, sem maiores repercussões na imprensa. Todavia, quando se evidenciou que o esquema de corrupção idealizado pelo PT dotaria o partido de uma fonte de financiamento tão poderosa que o tornaria virtualmente imbatível nas próximas eleições, houve um "levante nacional". Lula só não sofreu um processo de *impeachment* porque se humilhou em um pedido de desculpas em cadeia nacional, desmontou o esquema e afastou de seu governo os seus principais coordenadores. Foi nesta disputa que foi denunciado o pagamento de propinas mensais a parlamentares, esquema *que* passou a ser conhecido como "mensalão".

Para os que permaneceram no campo petista, quer apoiando "criticamente" o governo por imaginar que o governo ainda estaria "em disputa", quer por ter aceito cargos e sinecuras, não restavam alternativas para justificar suas posições a não ser inventar a fábula de que estaria em andamento um Golpe de Estado contra um governo popular e democrático que, pretensamente, estaria contrariando interesses do grande capital.

Formatado: Fonte: Itálico

Excluído: ,

Esta tese jamais passou de pura fantasia. Em primeiro lugar, porque os maiores defensores de Lula contra o *impeachment* foram os órgãos de imprensa que expressam os interesses do grande capital. Não apenas os grandes jornais diários, como ainda a Rede Globo (a principal rede nacional de TV e que conta com uma avassaladora audiência), como ainda "órgãos de classe" de setores do capital como a Federação Nacional dos Bancos (FEBRABAN), a Federação das Indústrias de São Paulo (FIESP), do *agrobusiness*, etc., *todos* se manifestaram, no momento apropriado, no sentido de que o Brasil (isto é, seus negócios) não necessitaria de uma nova crise político-institucional, embora as denúncias de corrupção contra Lula fossem mais graves que as contra Collor. Em segundo lugar, porque não houve qualquer ameaça de ruptura da ordem legal-institucional, já que o *impeachment* faz parte da ordem jurídica nacional. Em terceiro lugar, porque não há qualquer elemento democrático-popular no governo Lula.

Excluído: muito

Todavia, foi com base nesta fantasia que a CUT e o MST organizaram manifestações em Brasília em apoio a Lula. Não foram além, tais manifestações, do modo tradicional e oligárquico de se fazer política no Brasil: militância paga e despesas custeadas pelos sindicatos e pelo PT. Quando da chegada da eleição de 2006, esta fantasia iria se desdobrar em uma outra: a de que seria necessário apoiar Lula, "apesar de tudo", porque seu adversário Geraldo Alckimin, do PSDB, seria um facista!

É por essa trajetória, em linhas gerais, que não apenas o PT adentrou ao Partido da Ordem em tempos neoliberais, como ainda a sua própria esquerda se descaracterizou enquanto força socialista. Essa trajetória retrata a evolução de boa parte da esquerda brasileira. Contudo, tal trajetória descreve, mas ainda não explica, o porquê de a esquerda não ter sido capaz de se constituir em uma alternativa ao país, mesmo depois de quatro anos de governo Lula.

O "falso socialmente necessário" (Lukács)

A geração de militantes que surge após 1970 era na sua maior parte muito jovem e, mais grave, havia perdido contato com a tradição revolucionária do passado. Por um lado, porque a principal linha de continuidade desta tradição, o PCB, teve uma reação de repulsa – pois julgava "esquerdista" – frente ao movimento popular e ao novo movimento operário polarizado pelo ABC. Em segundo lugar, porque a repressão havia colocado no exílio, na prisão ou assassinado os intelectuais revolucionários que poderiam ser importantes na sua formação intelectual e política. Mas, acima de tudo, porque, naquelas circunstâncias históricas, a síntese da crise da ditadura com o movimento popular e as greves operárias fornecia uma experiência de luta muito limitada. Pela sua dinâmica e sua conexão com a essência da reprodução do capital, essa luta

Excluído: tinha perdido contato com o

Excluído: e com

não foi capaz de impulsionar a superação das profundas debilidades teóricas e ideológicas da nova geração de militantes.

Excluído: era

Na luta contra a ditadura, todas as questões teóricas e políticas eram encaminhadas com base na crença – pois não era mais do que isso – de que o próprio caminhar do movimento indicaria os passos a serem dados a cada dia, de tal modo que bastava uma ligação orgânica com o movimento popular e operário que as questões seriam resolvidas no sentido favorável à revolução. Era uma concepção, como chamávamos então, basista e obrerista. Ela só poderia resultar, do ponto de vista da formação desta geração de militantes, em um desprezo pelo conhecimento e pela teoria que, em seus casos extremos, se aproximava de um elogio da ignorância. Se o povo fazia o caminho para a revolução com seus próprios pés ignorantes, não seria o conhecimento dos “teóricos” e “professores” pequeno-burgueses um entrave ao próprio movimento? Desconfiava-se que o conhecimento e a teoria seriam o modo de a ideologia burguesa sorrateiramente penetrar no movimento e provocar a decadência da “pureza” do povo.

Excluído: , na reprodução ampliada da ignorância e, muitas vezes,

Excluído: d

Excluído: da

É importante frisar que, naquele momento, a literatura a que se tinha acesso no movimento popular era muito rica. Textos de Lênin, Marx, Trotsky, mesmo literatura mais recente (naqueles anos) como *A crise do movimento comunista* de Fernando Claudin e os romances de Semprún, eram fáceis, de ser obtidos. Apesar disso, as leituras e os estudos não iam além de “clássicos” da curiosa mistura de stalinismo e Teologia da Libertação de textos como *Os princípios fundamentais do comunismo* de Politzer ou *Os princípios elementares do materialismo histórico*, de Marta Harnecker. Essa foi uma geração de militantes que realizou como que uma “reprodução ampliada da ignorância” -- não por falta de acesso aos textos, mas porque a sua própria prática, a sua inserção na luta contra o capital, era tão limitada e pobre que não lhe conduzia para além do senso comum e das respostas mais fáceis: a crença na sabedoria popular era a chave de tudo.

Excluído: l

Excluído: a

Tomando este fenômeno com algumas décadas de perspectiva, é fácil esquecermos de um aspecto importante para a sua consolidação. Esta concepção político-ideológica fora a generalização de uma prática que tinha sido, até os anos de 1980-2, fundamentalmente vitoriosa e que organizara movimentos de massa significativos. Mesmo nas greves do ABC teve alguma importância (na primeira greve da Skania) como apoio das primeiras comissões de fábrica, ainda sob o disfarce das comissões para segurança no trabalho. Seus militantes não eram exterminados pela repressão política (ao contrário do que ocorria com organizações como o MEP, por exemplo, que optavam por atos de massa mais amplos e radicais e que eram rapidamente massacradas pela ditadura). Sua organização era tão enraizada e descentralizada que a ditadura em crise tinha enormes dificuldades em reprimir. Suas lutas, locais e econômicas, contavam com um apoio popular que havia crescido, se adensado e se consolidado entre os anos

Excluído: tentar organizar

Excluído: mais amplos e radicais

Excluído: ,

Excluído: s

Excluído: forma de

Excluído: e de luta era tal

Excluído: ,

de 1976 e 1982. Tudo isso conferia uma autoridade empírica a essas concepções que não deve ser desprezada. Nesse contexto, a ignorância de que tratamos acima reforça e realimenta a concepção basista e obrerista. As vitórias pareciam ser uma indicação segura de que a teoria mais atrapalhava que ajudava no caminho da revolução. Esses mesmos basismo, obreirismo e ignorância velavam o quanto as vitórias eram débeis e seriam efêmeras.

Excluído: est

É neste contexto que a derrota do movimento popular nas eleições de 1982 não conduziu a um questionamento profundo de suas práticas e das suas concepções político-ideológicas. Pelo contrário, a reação primeira e que predominou foi reconhecer a derrota como motivada pela perda da organicidade no contato com a população devido à radicalização política dos anos anteriores a 1982, que incluíram não apenas as greves no ABC, mas também, em São Paulo, algumas tentativas grevistas mal sucedidas, a fundação do PT, o ressurgimento do movimento estudantil, etc. Ao invés de um profundo questionamento das causas da perda de praticamente todas as organizações populares para os políticos burgueses mais conservadores, ocorreu a reafirmação da crença segundo a qual no caminhar do povo residiriam todas as respostas e que, portanto, tínhamos que retornar ao povo para encontrar as razões da derrota.

Nesse momento, a capacidade de direção da nova geração de revolucionários se tornou praticamente nula. O refluxo dos movimentos operários, popular e estudantil a partir de meados dos anos de 1980 se tornou ainda mais agudo. As lutas perderam o seu caráter contestatório e foram cada vez mais integradas às disputas eleitorais. Sem que fosse precedida por qualquer teorização digna do nome, as organizações de bairro foram se convertendo em comitês eleitorais e a principal atividade se concentrou na eleição de representantes "populares" que, no parlamento, poderiam fazer "leis a favor do povo". Inicia-se, então, o amálgama daquele basismo e obrerismo inicial com uma concepção parlamentarista que, um pouco mais desenvolvida, se converteria em um empobrecido "cretinismo parlamentar".

É assim que, para a Assembléia Nacional Constituinte convocada em 1988 para dar cabo "do entulho autoritário" deixado pela ditadura na estrutura legal do país, a força remanescente do movimento popular foi em larga medida convertida em base eleitoral para o PT e os políticos "progressistas" de outras agremiações como o PDT, o PSB⁹, etc. A estratégia adotada foi a de concentrar a luta na aprovação de leis de caráter popular, o que resultou em grandes avanços *no texto* da nova Constituição, o que, por sua vez, potencializava as ilusões de que o "país seria outro" a partir de sua promulgação.

Excluído: Nesse contexto é

Excluído: ou

⁹ O Partido Democrático Trabalhista, vinculado à II Internacional, tinha com seu principal líder Leonel Brizola, cuja história remonta a Getúlio Vargas no período pós-guerra. O Partido Socialista Brasileiro sempre foi uma agremiação menor e a serviço de facções de oligarquias estaduais que necessitam de legandas eleitorais. Possui poquíssima similiaridade, além do nome, com os partidos socialistas europeus.

Excluído: Brasileiro

Excluído: cujas raízes

Excluído: m

Para se ter uma idéia dos avanços inscritos na nova Constituição, citemos alguns exemplos. Com o objetivo de romper com o predomínio histórico do grande capital financeiro sobre o país, estabeleceu-se *constitucionalmente* que os juros máximos seriam de 12% acima da inflação. Desde então, não raramente tivemos semestres inteiros com o governo federal pagando *juros inconstitucionais* de mais de 17% acima da inflação. O crédito à pessoa física nunca fica abaixo dos 8 ou 10% *ao mês*, o que significa juros reais acima dos 100% ao ano! Um outro exemplo: com base na experiência do Estado de Bem-Estar, criou-se uma legislação *securitária* certamente das mais avançadas do mundo. Os serviços estatais da saúde, da educação, *aposentadorias, benefícios, etc.* deveriam ser integrados em um único e mesmo complexo de assistência à população através de políticas públicas que foram declaradas, então, um "direito" do "cidadão". Um terceiro exemplo: a legislação que trata das centenas de milhares de crianças que vivem nas ruas e nas estradas do país estabeleceu critérios e padrões legais que não irretocáveis do ponto de vista de uma sociedade burguesa. Nada disso, como é óbvio, alterou a vida do povo brasileiro. Todavia, naquele período que se estendeu de 1982 a 1988, ano da Constituinte, o fundamental do que ainda existia no movimento popular e operário foi concentrado na ilusão de que, via uma nova Constituição, teríamos um país no qual o povo teria vez. Nasceria – rezava a crença – da Constituição de 1988 um país verdadeiramente democrático no qual seus habitantes conheceriam, pela primeira vez, a "cidadania".

Estava, desde modo, consolidada na nova geração uma concepção de mundo que efetiva o que Ivo Tonet tem insistido em caracterizar como a transição da centralidade do trabalho para a centralidade da política. O politicismo e o "cretinismo parlamentar" apenas são possíveis na medida em que se adota uma concepção de mundo na qual não é mais o terreno da produção, mas o da política, o fundante da reprodução social. No caso brasileiro, isto foi fundamental para se abrir espaço para que o foco da luta se concentrasse na esfera parlamentar. Correlativamente, conceber o processo revolucionário como o lento, gradual e seguro caminhar dos trabalhadores na "democratização da democracia" pela participação no jogo eleitoral conduz, ainda, ao abandono da concepção de que, por ser o trabalho a categoria fundante do mundo dos homens, toda alteração substancial da sociabilidade deve transformar o nódulo fundamental de sua reprodução, o trabalho. Essa tese de Ivo Tonet é uma reafirmação, em nossos dias, da tese marxiana de que "mais do que um salário justo por uma jornada justa, cabe os operários lutarem pela bandeira revolucionária do fim do trabalho assalariado".

Ao término da Constituinte o cenário para a atual democracia brasileira estava, no fundamental, montado. Do ponto de vista das classes dominantes e do imperialismo, havia-se transitado da ditadura para a ordem democrática sem qualquer ruptura. A passagem foi tão suave que nem sequer fora preciso trocar os indivíduos. Os primeiros governantes

Excluído: letra da

Excluído: um

Excluído: securitária

Excluído: e das

Excluído: ra

“democráticos” haviam sido ativos apoiadores da ditadura militar: Tancredo Neves, que faleceu antes da posse, foi da ARENA, partido que apoiou a ditadura, e suas relações com os militares sempre foram muito próximas. Com a morte de Tancredo, quem assumiu a presidência foi José Sarney, um oligarca maranhense que foi o último presidente nacional da ARENA (e, hoje, é forte aliado de Lula). Nem sequer os políticos burgueses e oligárquicos que haviam, enquanto democratas dos mais moderados, enfrentado a ditadura, tiveram qualquer chance no processo (Ulisses Guimarães, Pedro Simon e Mário Covas, por exemplo). Os interesses imperialistas e de seus sócios nacionais continuavam firmemente incrustados no poder central.

Do movimento popular e operário, restara o PT. Todavia, já um PT bastante diferente do de sua origem e que já iniciava sua involução para o PT atual. A cada ano seu caráter eleitoral ia se aprofundando e as eleições, que nos idos de 1980 eram tomadas como pretexto para se fazer a propaganda por um país “verdadeiramente democrático” (com todas as ambigüidades deste termo), vão se convertendo no centro da vida partidária. Com o refluxo do movimento operário e popular, com o recuo do movimento estudantil, a via eleitoral parece ser de fato a única possível e, com isto, o “cretinismo parlamentar” que já estava presente *in nuce* no próprio cerne das concepções ideológicas mais profundas do movimento popular e operário, vai se convertendo em doutrina oficial do Partido dos Trabalhadores. Com uma proposta cada vez mais eleitoral, e com a constatação da “verdade indiscutível” de que só se tomaria o poder na atual sociedade brasileira com o apoio dos empresários, grandes banqueiros, empreiteiros e industriais, o decisivo para o PT passou a ser a domesticação de sua esquerda e o abrandamento do caráter popular, contestatório, de sua gênese. A quase vitória de 1989 se converteu em uma enorme derrota das forças no interior do PT que ainda apostavam na militância voluntária e na mobilização popular – estava aberto o caminho para o PT que chegaria ao poder em 2002; o PT que, finalmente, se integraria ao Partido da Ordem.

Ao chegar ao poder, o PT tinha atrás de si um movimento popular que se despolitizara e que se tornara apêndice das disputas eleitorais e parlamentares. O movimento operário amargava as enormes derrotas dos anos de reestruturação produtiva e do neoliberalismo e sua liderança sindical se convertera nos novos pelegos. A única esperança é que, com seu principal líder no poder, os trabalhadores contariam com um forte aliado para melhorar sua sorte. O movimento camponês, ainda expressivo em alguma medida, contava que, com a chegada do operário a Brasília, sua luta se tornaria mais fácil. Para todos eles, a vitória eleitoral parecia como um avanço importantíssimo e o início das transformações estruturais pelas quais se lutara tão intensamente desde os idos de 1970.

Nada disso poderia ter ocorrido, as esperanças eram meras ilusões.

Excluído: não

Excluído: chegou a tomar

Excluído: o

Excluído: partido que apoiou a ditadura, a

Excluído: durante os anos mais duros da repressão

Excluído: finalmente tomaria

Excluído:

Com a fase petista do neoliberalismo brasileiro, as coisas se tornaram ainda mais duras. As estatísticas não assinalam a concentração de renda apenas porque incorporam como renda as esmolas que o governo federal distribui através do Bolsa Família. A reestruturação produtiva continuou a passos largos, o movimento camponês tem sido duramente reprimido e suas lideranças assassinadas de modo absurdo. As leis trabalhistas vão sendo modificadas para favorecer a intensificação da exploração dos trabalhadores, a reforma universitária privatiza o ensino e dificulta o acesso dos mais carentes à instrução. A saúde tem parte de seus recursos canalizados para o Bolsa Família e doenças já extintas como o sarampo e a tuberculose – ou quase extintas como a febre amarela e a dengue – voltam a assolar o país. O caráter neoliberal do governo petista se torna uma realidade insofismável.

Excluído: .

Ainda assim, tal como na derrota de 1982, o primeiro governo Lula não conduziu a uma revisão dos pressupostos teóricos e políticos do fundamental das forças e personalidades que saudaram a vitória do PT como uma vitória do povo brasileiro. Pelo contrário, tal como em 1982, a derrota levou a uma reafirmação ainda mais enfática da crença nos princípios que se defendia anteriormente, o caráter neoliberal do governo Lula produziu, em um setor importante da esquerda, uma reação quase análoga. Segundo tal setor, a raiz da tragédia petista não estaria nas concepções político-ideológicas, nem na prática eleitoreira do "cretinismo parlamentar", mas sim na traição de sua direção nacional. Se outros fossem os dirigentes, outra seria a história e o PT não teria se convertido na continuidade do neoliberalismo de Collor e Fernando Henrique Cardoso. É por esta via que se afirma um "neo-petismo" que repõe a centralidade da luta eleitoral e a necessidade de se "resgatar" o "PT original". É disso que surgirá, nas vésperas das eleições de 2006, o PSOL, Partido do Socialismo e da Liberdade¹⁰.

Excluído: .

A concepção basista e obrerista dos anos de 1970 evoluiu para a concepção democrático-parlamentar dos últimos anos sem qualquer quebra de continuidade significativa. Na verdade, é apenas a transformação de uma concepção democrática que, na ausência de uma forte presença operária e de uma luta de classes mais aberta, atua como o "falso socialmente necessário" de uma militância que não pode sobreviver ideologicamente senão convertendo a necessidade em virtude. Como, nesse momento de refluxo de luta revolucionária, a luta política se restringe ao pobre fenômeno eleitoral, concluem que as eleições são a via para a revolução e, a partir daí, justificam de forma mirabolante a defesa de suas concepções e, não raramente, de seus cargos no parlamento ou sinecuras no aparelho de Estado. Sua concepção de revolução

¹⁰ Composto por ex-militantes e personalidades petistas, principalmente, se estrutura ao redor do mandato parlamentar de alguns deputados e uma senadora, todos oriundos do PT. Sua principal liderança é a ex-senadora, hoje professora universitária, Heloísa Helena.

se aproxima cada vez mais de uma eterna e infindável democratização da democracia parlamentar e sua relação com a sociedade civil é cada vez mais institucional e conservadora.

As eleições de 2006

Ao nos aproximarmos das eleições de 2006, as seguidas denúncias de corrupção envolvendo o primeiro escalão do governo¹¹ chegaram a derrubar o principal articulador da política econômica, o Ministro Palocci, e levaram a uma percepção generalizada entre a população de que não haveria mais saída para o país. Crescia a percepção de que se nem o PT e o Lula eram honestos, não haveria mais o que fazer: a escolha seria entre ladrões e ladrões.

Entre a esquerda, o impacto da evolução do PT no poder não foi menor. Na história brasileira dificilmente haverá outro partido reformista que possa vir a ser comparado com o PT. Um partido de base operária, portador da melhor tradição recente de luta dos trabalhadores, com uma base eleitoral e uma militância organizada em todo o país, sem qualquer vício ou vinculação com o stalinismo ou com a social-democracia européia: quantos partidos reformistas exibiam as qualidades que poderiam ser encontradas no PT quando de sua fundação? Por isso, para amplos setores ainda é difícil abandonar os velhos sonhos e ilusões. Depois de apoiarem -- "criticamente" ou não -- a reforma da previdência e a política econômica neo-liberal de Lula, quando os escândalos de corrupção vieram a público, a reação deste setor evolui para um terreno ainda mais pantanoso. Passaram a justificar seu apoio ao governo Lula argumentando que fazer política seria sinônimo de se colocar a "mão na sujeira"; política e corrupção seriam inseparáveis, faces da mesma moeda. De fato -- e daqui a força empírica deste argumento -- sem se romper com o capital, a política em um país com o Brasil tem muito de corrupção e bandalheira. Assim, concluem, melhor a bandalheira do governo Lula que a bandalheira dos outros partidos. A alternativa histórica que o PT pretendia representar termina reduzida à escolha entre a "melhor" bandalheira.

Uma outra parcela da esquerda evolui para um terreno não menos duvidoso: denunciar a imoralidade e a traição dos dirigentes petistas, como se o problema se circunscrevesse à esfera da moral e dos bons costumes. Esta é a origem do discurso moralista e personalista que predomina no PSOL e em setores do próprio PT.

Enquanto isso, o processo de desmobilização dos operários fabris pelos efeitos mais danosos da reestruturação produtiva é potencializado pela adesão e cooptação do fundamental da CUT ao aparelho estatal e pelo aumento exponencial da presença de sindicalistas nas

Excluído: (o ministério público, em uma dos processos, acusou o governo de ser composto por uma "quadrilha" organizada com a finalidade de saquear o Estado)

Excluído: Entre a população c

Excluído: Este desencanto da população levou a uma situação inédita: 16% de abstenções e quase 5% de votos nulos em um país em que o voto é obrigatório e o não comparecimento às urnas implica no pagamento de multas.

Excluído: . Q

¹¹ O ministério público, em uma dos processos, acusou o governo de ser composto por uma "quadrilha" organizada com a finalidade de saquear o Estado.

diretorias de empresas públicas e fundos de pensão. No campo, como já mencionamos, a expansão do *agrobusiness* e a aliança do governo com a burguesia exportadora de produtos primários reduz a margem de manobra das lutas camponesas, que passam a depender cada vez mais das benesses do governo para sua sobrevivência cotidiana.

Foi neste contexto extremamente difícil para a esquerda que se desdobraram as eleições de 2006. As avaliações iniciais indicavam que Lula seria vitorioso no primeiro turno. Uma frente de esquerda dirigida por ex-petistas que formaram o PSOL e composta pelo PCB (que também atraiu parte dos petistas) e pelo PSTU (que havia deixado o PT já em 1992) optou pelo lançamento da candidatura de Heloisa Helena. Parte minoritária da esquerda, e sua parte mais fragmentada e sectária, decidiu-se pelo voto nulo desde o primeiro turno. Parte dos militantes oriundos dos movimentos populares dos anos de 1970-80, ainda no PT e na CUT, assim como o MST, decidiu pelo apoio (às vezes pelo apoio "crítico") a Lula.

O andamento da campanha trouxe como primeira surpresa que novas e mais graves denúncias de corrupção fragilizaram Lula e o forçaram a uma nova rodada de negociação envolvendo o segundo mandato com setores do empresariado que apoiavam o PSDB (ou que utilizavam o PSDB para alavancar sua força de negociação com o governo) e, também, a uma nova divisão dos recursos originários da corrupção estatal entre os partidos e agrupamentos políticos. Uma parcela da população significativa, ainda que difícil de ser mensurada por falta de dados, provavelmente migrou nas vésperas das eleições do voto nulo para o voto em Heloisa Helena ou Cristóvão Buarque como uma forma de pressionar pelo segundo turno¹². Ainda assim, a candidata do PSOL e da Frente de Esquerda não passou dos 6,85% dos votos, contra 5,68% dos votos nulos.

Provavelmente o mais significativo nessas eleições tenham sido o fracasso eleitoral do PSOL e o crescimento do voto à direita. Apesar de uma campanha nacional e com recursos significativos, a proposta claramente reformista da candidata Heloisa Helena do PSOL, seu voluntarismo, seu exacerbado moralismo e sua proposta de resgate do "PT original", soou para a população como o que de fato é: apenas mais do mesmo. A degenerescência do PT e a baixa votação do PSOL parecem indicar o esgotamento das propostas reformistas. E, à falta de outra perspectiva fora do horizonte reformista ou do campo governista, o descontentamento popular se esvaiu para a direita, propiciando a eleição de um Congresso ainda mais conservador, corrupto e direitista que o seu antecessor. Não apenas vários dos deputados que foram cassados por corrupção pelo próprio Congresso Nacional retornaram, como ainda corruptos notórios

¹² Como já assinalamos, a legislação eleitoral brasileira prevê que haverá segundo turno se um dos candidatos não alcançar 50% mais um dos votos válidos. Dos votos válidos excluem-se os votos brancos e nulos. Deste modo, votar nulo poderia favorecer a vitória de Lula no primeiro turno.

Excluído: talvez

Excluído: o

Excluído:

Excluído: A

nacionalmente, como Paulo Maluf e Collor, obtiveram vitórias eleitorais expressivas. Em São Paulo, principal colégio eleitoral do país, o terceiro deputado federal mais votado foi um conhecido estilista de moda, que atendia a alta-sociedade dos finais dos anos de 1970!

Excluído: ,

O PSTU e o PCB, diluídos na campanha do PSOL, não elegeram sequer um parlamentar e, pela primeira vez em muitos anos, na esquerda das campanhas eleitorais não tivemos a presença notória de propostas antiimperialistas e socialistas. Em um momento em que, talvez, tais propostas pudessem ter um eco nas camadas populares como nunca antes, o PCB e o PSTU se diluíram na proposta de um neo-petismo que domina o PSOL.

Excluído: extrema

Excluído: , dado o esgotamento e a descrença generalizada nos políticos e na política trazidos pela degenerescência do PT

Este conjunto de fatores possivelmente explique o fato de que, no momento em que as consequências do neoliberalismo se tornam mais agudas para todo o país, a população tenha votado em um espectro mais à direita que nas eleições passadas e garantido a Lula uma vitória expressiva e uma base parlamentar maior e mais conservadora que a do primeiro governo.

Excluído: É e

Excluído: que

Contudo, se a unanimidade de Lula ainda permanece, ele já não é mais a mesma do primeiro mandato. Este segundo governo se inicia com um país mais tencionado e com contradições sociais muito mais agudas que em 2002. A crise do setor agro-exportador expõe um dos flancos mais débeis da base de sustentação do governo, a impressionante retirada dos investimentos estrangeiros do setor produtivo pode indicar a percepção pelos grandes investidores do esgotamento do modelo que associa o Real sobrevalorizado ao superávit das exportações¹³. Uma recente greve na Volkswagen do ABC, contra a direção da CUT, pode indicar que algo novo está no horizonte. A articulação de uma frente de lutas contra o neoliberalismo, cujo pólo mais avançado tem sido a Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas), é um dado da maior importância. Ainda assim, não há espaço para qualquer previsão mais otimista para a esquerda ou para os trabalhadores brasileiros no curto prazo.

Excluído: mas

Se as coisas estão complicadas para a esquerda européia, não há razões para se acreditar que as coisas sejam qualitativamente distintas no Brasil.

Bibliografia

Carneiro, Maria L.F. "A corrupção venceu a esperança". Universidade e Sociedade, n. 38. ANDES/Brasília, junho de 2006.

Boito, A. "A hegemonia neoliberal no governo Lula". Crítica Marxista, n. 17, Ed. Revan, Rio de Janeiro, 2002.

¹³ A FSP de 23 de fevereiro de 2007 noticia que o Banco Central brasileiro comprou US\$ 12 bilhões de dólares nos últimos meses e, ainda assim, não conseguiu evitar a valorização do Real.

Excluído: sua queda frente

Excluído: a